



Uma cena da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos no Rio, 5 de agosto de 2016, no Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, Brasil. (Foto do Exército dos EUA - Tim Hipps)

Olimpíadas Rio – 2016

Uma Leitura Geopolítica

Gen Ex Paulo Cesar de Castro, Exército Brasileiro

Olímpia celebrou-se por ter sediado competições entre atletas oriundos de todas as cidades-estados da Grécia antiga. Os jogos eram celebrados de quatro em quatro anos¹ em honra aos deuses do Olimpo. Até hoje não foi encontrada qualquer fonte segura que permitisse aos historiadores apontar a data precisa de criação daquelas famosas

competições. Assim, adota-se 776 aC como marco original das olimpíadas, ano que corresponde à mais remota referência escrita aos lendários jogos gregos. Os vencedores eram laureados com o “kotinos,” coroa de flores de oliveira². Teodósio I, imperador romano, suprimiu-as em 394 dC, decisão que interrompeu a série original das olimpíadas³.

Pierre de Frédy (1863 – 1937), Barão de Coubertin, historiador e pedagogo francês, nasceu em Paris, filho de família nobre⁴. Publicou inúmeras obras sobre educação e esportes. Entrou para a história pela iniciativa e tenaz liderança para que fossem restabelecidos aqueles notáveis jogos da Grécia antiga. Eternizou-se como Pierre de Coubertin e legou à humanidade as Olimpíadas da Era Moderna, também disputadas de quatro em quatro anos. Foi o criador do Comitê Olímpico Internacional e da bandeira olímpica, cujos aros simbolizam a união dos cinco continentes habitados por meio do esporte.

O Rio de Janeiro sediou a XXXIª Olimpíada da Era Moderna⁵, a primeira na América do Sul. De Olímpia, recebeu a chama sagrada e de Londres, a bandeira olímpica. Atletas, representantes da elite esportiva de seus países, legaram exemplos de coragem, respeito, patriotismo, tenacidade, perseverança, dedicação, espírito de equipe, preparo físico, mérito e amor ao esporte. Os vencedores foram premiados com medalhas de ouro, prata e bronze, os “kotinos” de hoje. Receberam-nas com gestos de alegria e lágrimas de emoção ao tempo em que contemplavam o hasteamento das respectivas bandeiras sob os acordes do hino nacional do vencedor.

A Olimpíada, maior evento esportivo mundial, premia apenas os atletas. Contudo, é usual que os países sejam ordenados segundo o número de medalhas conquistadas por seus representantes, o que permite comparar o resultado auferido pelos respectivos países.

Este artigo se propõe a analisar como o poder dos estados se reflete no esporte e expressa o respectivo desenvolvimento cultural. Foi adotado como parâmetro o desempenho dos atletas expresso pelo número de medalhas que conquistaram para suas pátrias⁶.

O Conselho de Segurança⁷ no Olimpo

A Organização das Nações Unidas (ONU) é a expressão jurídica de uma vitória militar, ensinava o General Cerdá, professor da Escola Superior de Guerra do Exército Argentino. Em sua estrutura, o Conselho de Segurança sobressai-se por ser o único órgão cujas decisões devem ser obrigatoriamente adotadas pelos estados-membros. Dentre seus quinze integrantes, poder especial é conferido aos cinco vencedores da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos da América (EUA), China, Reino Unido, Rússia e França têm assento permanente e poder de veto, a par de serem potências nucleares⁸.

Já lá se vão setenta anos do término daquela guerra e muita água passou sob várias pontes. No Rio de Janeiro, atletas daqueles países ratificaram o amplo predomínio desportivo das nações que representaram. Os resultados apresentados na tabela n° 1 falam por si só:

Eis o reflexo cultural de sadias ações políticas, econômicas, psicossociais e científico-tecnológicas conduzidas por líderes competentes ao longo do tempo, malgrado os problemas que todos enfrentaram. Em tempos de globalização, salta aos olhos que os esportes espelham, em verdadeira grandeza, o poder nacional de cada um dos estados que têm direito a veto e assento permanente no Conselho de Segurança.

A Economia e as Olimpíadas

A expressão econômica do poder nacional pode ser isolada a fim de se concluir sobre sua projeção no resultado das olimpíadas. Para tal, este artigo se vale do produto interno bruto (PIB), expressão do poder da economia de cada país. A tabela n° 2 apresenta a

PAÍS	POSIÇÃO	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL	POSIÇÃO
EUA	1°	46	37	38	121	1°
Reino Unido	2°	27	23	17	67	3°
China	3°	26	18	26	70	2°
Rússia	4°	19	18	19	56	4°
França	7°	10	18	14	42	5°

Observação: a França e a Alemanha obtiveram o mesmo total de medalhas.

TABELA N° 1 – Classificação quanto ao número de medalhas de ouro e total de medalhas

Posição PIB	Medalhas					
	Posição	Ouro	Prata	Bronze	Total	Posição
1° EUA	1°	46	37	38	121	1°
2° China	3°	26	18	26	70	2°
3° Japão	6°	12	8	21	41	7°
4° Alemanha	5°	17	10	15	42	5°
5° Reino Unido	2°	27	23	17	67	3°
6° França	7°	10	18	14	42	5°
7° Índia	67°	0	1	1	2	57°
8° Itália	9°	8	12	8	28	9°
9° Brasil	13°	7	6	6	19	12°
10° Canadá	20°	4	3	15	22	11°

TABELA Nº 2 – PIB X Medalhas de ouro e total de medalhas

posição das dez maiores economias do mundo em 2015⁹ e as confronta com os resultados que conquistaram seus atletas nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o que assegura algumas constatações.

A primeira refere-se à Rússia, detentora de excelente resultado olímpico, mas cuja economia não figura entre as dez maiores do mundo. Em decorrência de diferentes causas internas e externas o PIB da Federação Russa situou-se em décimo segundo lugar, o que não configura distorção significativa. Quanto aos demais estados com assentos permanentes e poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, todos estão em ambos os pódios, olímpico e econômico.

A segunda constatação diz respeito à Índia, potência nuclear e com população superior a um bilhão de habitantes. Apesar de ostentar o sétimo PIB do mundo, o país logrou rotundo fracasso olímpico, evidência de que seus poderes militar e econômico estão muito dissociados do que seria um desempenho desportivo compatível. A Índia ainda está olhando para o Monte Olimpo a muitos quilômetros de distância.

E como não admirar o desempenho dos países do Eixo, derrotados na Segunda Guerra Mundial? A pouco mais de setenta anos, a Alemanha sofreu as consequências do nazismo, dos bombardeios, da ocupação aliada e comunista e da divisão territorial

durante a Guerra Fria. A Itália, por sua vez, sofreu sob o nazifascismo que implicou, em certo momento da guerra, a existência de dois governos, um ao sul e o outro ao norte do Arno. E o Japão, cultura milenar, foi o único país do mundo sobre o qual foram lançados dois artefatos nucleares. Hiroshima e Nagasaki são chagas que sangram ainda hoje na alma japonesa.

Os três países conquistaram posições de destaque entre as dez maiores economias do mundo e entre os dez melhores resultados na Olimpíada. Que lições podem ser extraídas? Entre outras, a determinação dos respectivos povos na superação de desafios inimagináveis. Seus resultados resultam de trabalho denodado, do mérito, dos valores culturais e de exemplar sentimento de superação.

A quarta constatação refere-se ao Brasil, cujo resultado olímpico é o melhor de sua história, ainda que sua economia esteja amargando os impactos da incompetência, da irresponsabilidade e da desonestidade em todos os níveis de governo. O Brasil merece parágrafo especial.

O Brasil e Sua Melhor Olimpíada

É gratificante constatar o desempenho dos atletas brasileiros na XXXI^a Olimpíada da Era Moderna. Seus atletas, tenham ou não conquistado medalhas,

Posição na América do Sul	MEDALHAS					
	Posição	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL	Posição
1° Brasil	13°	7	6	6	19	12°
2° Colômbia	23°	3	2	3	8	31°
3° Argentina	27°	3	1	0	4	45°
4° Venezuela	65°	0	1	2	3	51°

TABELA Nº 3 – Medalhas dos países da América do Sul

merecem aplausos calorosos. Legaram-nos exemplos de dedicação, respeito aos adversários, vigor físico, abnegação, combatividade e raça. Encheram-nos de orgulho. Suas conquistas levaram o pavilhão nacional dezenove vezes ao pódio, colocando-nos na 13ª e na 12ª posição segundo, respectivamente, o critério do número de medalhas de ouro e total de medalhas. O Brasil ombreou-se com os melhores países do mundo.

Convida-se agora o leitor a voltar seus olhos para a América do Sul, área estratégica prioritária para o Brasil. A Tabela nº 3 demonstra a indiscutível primazia da Terra de Santa Cruz.

O Brasil conquistou mais medalhas de ouro do que todos os demais países do subcontinente juntos. O mesmo fenômeno se observa no tocante à soma das medalhas de prata, de bronze e, conseqüentemente, ao total de medalhas. O predomínio auriverde é absoluto nesse espaço geopolítico.

Eis o momento para enaltecer o “Programa Atletas de Alto Rendimento”¹⁰, criado em 2008, parceria entre o Ministério da Defesa e o dos Esportes. Seu objetivo inicial era o de preparar atletas para os 5º Jogos Mundiais Militares do CISM, organizados pelo Brasil em 2011, no Rio de Janeiro.

A conquista com louvor daquele primeiro objetivo estimulou as autoridades militares e desportivas a prosseguir na preparação de atletas para competir nos Jogos Olímpicos Rio-2016. E, uma vez mais, as Forças Armadas corresponderam aos elevados índices de credibilidade que lhes credita o povo brasileiro. Os atletas militares conquistaram treze das dezenove medalhas brasileiras. Fizeram-nos vibrar com seus feitos esportivos e, também, pelas seguidas demonstrações de

respeito aos símbolos nacionais, prestando-lhes continência quando da execução do hino e do hasteamento do pavilhão nacional. Somos-lhes gratos. Eles fizeram a diferença. Missão cumprida!

O Desenvolvimento Humano e as Olimpíadas

É relevante, ainda, associar qualidade de vida e vitórias desportivas. Para tanto, está disponível o índice de desenvolvimento humano (IDH).

O IDH permite avaliar o impacto das políticas econômicas na qualidade de vida e no bem-estar da população por intermédio da conjugação de diferentes fatores, tais como alfabetização, educação, esperança de vida e natalidade. Segundo o IDH pode-se classificar os países como de desenvolvimento humano: muito alto, alto, médio e baixo¹¹. Na Tabela nº4 estão correlacionadas posições ocupadas por alguns países nas Olimpíadas Rio-2016 com seus respectivos IDH¹² publicados em dezembro de 2015.

Constata-se que, dentre os treze primeiros colocados, dez têm IDH muito alto o que permite afiançar que o resultado olímpico desses países reflete o bem-estar e a qualidade de vida de sua população. Vê-se que seus resultados nos esportes são consequência natural do sistema de educação que têm desenvolvido, aplicado e aperfeiçoado ao longo dos tempos.

No mesmo conjunto, observa-se que China, Rússia e Brasil têm longo caminho a percorrer, malgrado os expressivos resultados de seus atletas. No caso específico do Brasil, pode-se afirmar que são necessários esforços sérios e perseverantes em todas as expressões do poder nacional a fim de que aos louros colhidos por

País	Posição Medalhas Ouro	IDH	Posição IDH	Classificação do IDH
EUA	1°	0,915	8°	Muito alto
Reino Unido	2°	0,907	14°	Muito alto
China	3°	0,727	90°	Alto
Rússia	4°	0,798	50°	Alto
Alemanha	5°	0,916	6°	Muito alto
Japão	6°	0,891	20°	Muito alto
França	7°	0,888	22°	Muito alto
Coreia do Sul	8°	0,898	17°	Muito alto
Itália	9°	0,873	27°	Muito alto
Austrália	10°	0,935	2°	Muito alto
Holanda	11°	0,922	5°	Muito alto
Hungria	12°	0,828	44°	Muito alto
Brasil	13°	0,755	75°	Alto
Colômbia	23°	0,720	97°	Alto
Argentina	27°	0,836	40°	Muito alto
Venezuela	65°	0,762	71°	Alto
Índia	67°	0,609	130°	Médio
África do Sul	30°	0,666	116°	Médio

TABELA Nº 4 – Medalhas de ouro X IDH

nossos atletas correspondam louros colhidos por nossos patrícios em sua qualidade de vida. Quando esse sonho se concretizar, o Brasil ascenderá de posição no IDH e em futuras olimpíadas.

Nota-se que, no conjunto dos países da América do Sul, teria havido homogeneidade, não fora a Argentina por exibir IDH muito alto. Entretanto, é curioso sublinhar que à qualidade de vida dos argentinos não correspondam resultados expressivos nas Olimpíadas. A Colômbia, por seu turno, enfrentou décadas de narcoguerrilha, cujo processo de pacificação parece ter sido finalizado ao término dos jogos do Rio de Janeiro. Assim, seu resultado olímpico é coerente com o cenário

que enfrentou e enfrenta. A Venezuela, por sua vez, vítima de regime totalitário travestido de democracia, ainda registra IDH superior ao brasileiro. Mesmo que seja ultrapassada em breve, nossa posição é, no mínimo, desconfortável.

E o conjunto dos países integrantes do BRICS? Nesse grupo sobressaem Brasil, Rússia e China detentores de IDH alto. Já a qualidade de vida e o bem-estar das populações da África do Sul e a Índia - IDH médio - não nos fazem inveja. Seus resultados na Olimpíada bem expressam o que se afirma. BRICS é um grupo heterogêneo: três potências nucleares, duas com assento permanente no Conselho de Segurança, duas com



Cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos Rio 2016, no Maracanã, 21 August 2016 (Fernando Frazão/Agência Brasil).

IDH médio e três com expressivos resultados olímpicos. Pode-se inferir que constituem mais um foro de discussão no qual seus dirigentes procuram encontrar objetivos comuns para cinco culturas diferentes.

Conclusões

A cultura da Grécia antiga foi tão pujante que suas manifestações superaram os séculos e continuam produzindo frutos em abundância. Em plena Era do Conhecimento, os olhares do mundo se voltam para Olímpia de quatro em quatro anos. A par de homenagear a sede original dos jogos é comovente testemunhar a saída da chama sagrada que será conduzida à cidade escolhida para palco dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Se a Grécia é o berço dos jogos, a França pode se vangloriar de ser a terra do Barão de Coubertin, nobre parisiense a quem o mundo tributa homenagem pela retomada dos jogos, transformados hoje no maior evento esportivo do planeta.

Iluminado pelos gregos e grato ao Barão, o Rio de Janeiro se regozija e se orgulha por ter sido a primeira

cidade da América do Sul a sediar a competição. De Olímpia recebeu o fogo sagrado e de Londres, a bandeira olímpica. Ao mundo, a Cidade Maravilhosa exibiu seus cartões postais e, hoje, comemora o êxito logrado na XXXIª Olimpíada da Era Moderna, uma vitória carioca e brasileira.

O resultado final dos jogos, ainda que individual, ensejou esta leitura geopolítica, pela comparação das medalhas conquistadas - “kotinos” - com alguns indicadores de poder.

Dessa leitura pode-se concluir que os países com assento permanente e direito a veto no Conselho de Segurança da ONU revelam nos esportes um fiel retrato de seus respectivos poderes nacionais. São potências políticas, militares, culturais e desportivas.

Conclui-se, também, que dentre essas cinco potências apenas a Rússia não figura entre os dez maiores PIB medidos em 2015. Por ocupar a décima segunda posição, não chega a ser um ponto fora da curva. Chamam a atenção os PIB da Alemanha, do Japão e da Itália, países praticamente pulverizados

ao fim da Segunda Guerra Mundial e hoje potências econômicas e desportivas. São exemplos de superação.

A Índia, ao contrário, ainda que detentora do sétimo PIB do mundo, é um fracasso desportivo, o que evidencia acentuado desequilíbrio entre as expressões de seu poder nacional.

O Brasil, nono PIB do conjunto analisado, conquistou seu melhor resultado olímpico em todos os tempos, fato que implica justo orgulho nacional e estimula o País a galgar posições mais elevadas em ambos os pódios, econômico e olímpico.

Ratifica-se que, na América do Sul, espaço geopolítico prioritário para projeção do poder, a hegemonia olímpica brasileira é indiscutível. Essa posição de destaque decorreu da sinergia dos esforços de autoridades desportivas, governamentais e, notadamente, militares. O “Programa Atletas de Alto Rendimento” confirmou o acerto de sua concepção e condução pelas Forças Armadas. Atletas militares e civis, laureados ou não, merecem o aplauso e a

gratidão dos brasileiros. Seu exemplo é o principal legado que deixaram para todos nós. Que nos estimule a acelerar nosso progresso na senda da vitória.

Concluiu-se, por último, que há íntima correlação entre o IDH e os resultados da Olimpíada. Os países de IDH muito alto tiveram excelente desempenho desportivo, reflexo natural do elevado nível cultural e educacional de suas nações. A China e a Rússia são exceções que confirmam a regra.

Ao Brasil cumpre elevar a qualidade de vida de seu povo, a despeito dos óbices que venha a enfrentar. Sua primazia econômica e desportiva na América do Sul não condiz com o IDH que apresenta. Nosso país tem potencial suficiente para almejar posições ainda mais elevadas nos pódios olímpico e econômico, e muito mais altas no pódio da qualidade de vida e bem-estar de seu povo.

Que a chama olímpica que inflamou a autoestima da alma brasileira durante a XXXIª Olimpíada da Era Moderna brilhe eternamente, e que as bênçãos dos deuses do Olimpo fortaleçam a vontade nacional. ■

O Gen Ex Paulo Cesar de Castro é graduado pela Academia Militar das Agulhas Negras, na arma de Artilharia. É pós-graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior, pela Escola de Guerra Naval (EGN) e pela Escola Superior de Guerra, do Exército Argentino. Comandou, como coronel, o 21º Grupo de Artilharia de Campanha; como Gen Bda, a ECEME; como Gen Div, a 4ª Região Militar e a 4ª Divisão de Exército. Como Gen Ex, foi chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército até 11 de maio de 2011, quando foi transferido para a reserva. Atuou nas operações Rio-92, Rio, Minas Gerais e Ouro Preto, todas de garantia da lei e da ordem. É doutor em Ciências Navais pela EGN e doutor em Ciências Militares pela ECEME.

Referências

1. Disponível em: <http://www.turismogrecia.info/guias/grecia/os-jogos-olimpicos-na-grecia-antiga>. Acesso em 26 de agosto de 2016.
2. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ol%C3%ADmpia>. Acesso em 26 de agosto de 2017.
3. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/movimento-olimpico/historia-do-olimpismo>. Acesso em 27 de agosto de 2016.
4. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/quemfoi/pierre_coubertin.htm. Acesso em 27 de agosto de 2016.
5. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_da_Era_Moderna. Acesso em 28 de agosto de 2016.
6. O Globo. RIO 2016, página 15. RIO DE JANEIRO: O Globo, 22 de agosto de 2016.
7. Disponível em: <http://www.un.org/es/sc/about>. Acesso em 29 de agosto de 2016.
8. Exceto a China, estas potências têm, também, no âmbito da ONU status especial no âmbito do Tratado de Não-proliferação de Armas Nucleares. A China aderiu ao Tratado após ter-se tornado potência nuclear.
9. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_PIB_nominal. Acesso
10. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Atletas_de_Alto_Rendimento. Acesso em 31 de agosto de 2016.
11. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_%C3%8Dndice_de_Desenvolvimento_Humano. Acesso em: 31 de agosto de 2016.
12. Estimativas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de 2014, publicadas em 14 de dezembro de 2015.